





A TEORIA DOS CAMPOS DE IDENTIDADE

Josue Artaxerxes Santos Grangeiro¹

 <https://orcid.org/0009-0005-5747-1019>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8390>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo propor uma nova solução ao problema da identidade pessoal, destacando como a sobrevivência do ser é viável ante o feneçimento corporal. Assim sendo, contestamos as concepções vigentes, argumentando que, na realidade, a morte é uma fase necessária para a conservação de sua própria identidade. Para atingir esse propósito, discorreremos sobre a sua estrutura e algumas de suas outras propriedades, como a fluidez e a capacidade de expansão por divisão e por paridade. Desse modo, esperamos, por meio dessa análise, resolver as inconsistências lógicas, relacionadas aos processos reprodutivos e de autopreservação, bem como aos apoptóticos e de renovação celular.

Palavras-chaves: Identidade pessoal – campos de identidade – navio de Teseu – fluxo – identidade numérica e qualitativa

IDENTITY FIELD THEORY

ABSTRACT: This article aims to propose a new solution to the problem of personal identity, highlighting how the survival of the being is viable in the face of bodily demise. Therefore, we challenge current conceptions, arguing that, in reality, death is a necessary phase for the conservation of one's own identity. To achieve this purpose, we discuss its structure and some of its other properties, such as fluidity and the ability to expand by division and parity. In this way, we hope, through this analysis, to resolve the logical inconsistencies related to reproductive and self-preservation processes, as well as apoptotic and cell renewal processes.

Keywords: Personal identity – identity fields – ship of Theseus – flow – numerical and qualitative identity

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, há uma vasta gama de opiniões e de crenças filosóficas e religiosas sobre o que ocorre após a morte, tais como viver eternamente num lugar sacro,

¹ Graduado em Letras, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: huansantosxr@gmail.com



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



reencarnar, ressuscitar, entre outras. Todavia nenhuma delas apresentou, ao mesmo tempo, uma explicação reconfortável e crível, sobretudo, para pessoas desprovidas de crenças religiosas sólidas. Por esse motivo, o presente artigo visa trazer uma nova perspectiva ante o tema.

A princípio, é importante ressaltar que, embora lidemos constantemente com esse fenômeno, ainda assim, é possível que a visão vigente sobre ele esteja equivocada por uma série de motivos, entre eles, podemos destacar, inicialmente, a imprecisão dos nossos sentidos e a crença de que somos criaturas únicas e especiais.

É indiscutível que, durante nossas observações cotidianas, os nossos sentidos, por mais apurados e desenvolvidos que sejam, estão sujeitos a falhas e a deixar passar despercebidos sutis, mas decisivos, elementos correlatos a esse objeto de estudo. Por conseguinte, também é comum acreditarmos, mesmo que por um breve momento, em falsas verdades engendradas por leituras superficiais.

Por exemplo, um ilusionista, ao induzir o foco da plateia para determinados itens e, ao desviá-la de outros, é capaz de “desaparecer” e de “tirar” moedas dos nossos ouvidos sem notarmos como realizou tais atos. Contudo, apesar dos nossos sentidos indicarem o desaparecimento do mágico e a aparição da moeda, os resultados não se tornam factuais, pois resumem-se a técnicas que envolvem a manipulação da atenção do público e o uso de perspectivas favoráveis ao ilusionista. Não obstante uma criança não familiarizada com truques de mágica, ou seja, leiga, teria como verdadeiros os resultados alcançados por ele. Assim sendo, podemos, também, inferir, por assimilação, que, por serem imprecisos, os sentidos humanos, por vezes, suscitam equívocos significativos, os quais acarretam ilações inverídicas.

Por essa razão, é viável levantar a possibilidade de que o mesmo desacerto ocorra, ao observamos e ao analisarmos o desfalecimento corporal, pois vemos um corpo inerte, o qual prende a nossa atenção, como a moeda de um mágico, mas não notamos os demais elementos, os quais trataremos mais adiante, que a permeiam. Em suma, há outros componentes, tão pertinentes quanto o corpo desfalecido, que nossos sentidos não depreendem e que são determinantes para o perfeito estudo da nossa temática.

É relevante quebrarmos a percepção de que somos criaturas únicas e especiais, visto que vivemos em um universo inimaginavelmente gigantesco e inexplorado e que nossa



existência na terra, comparada com a idade estimada do universo, é demasiadamente recente. Desse modo, não é exagero afirmar que somos criaturas pequenas, insignificantes, produzidas em massa e até mesmo pouco complexas pelo nosso surgimento tenro.

Você é um entre 6,4 bilhões de indivíduos, pertencente a uma única espécie, entre outras três milhões de espécies classificadas, que vive num planetinha, que gira em torno de uma estrelinha, que é uma entre 100 bilhões de estrelas que compõem uma galáxia, que é uma entre outras 200 bilhões de galáxias num dos universos possíveis e que vai desaparecer (CORTELLA, 2015).

Desse modo, embora existam diversos fatores, entre eles, os citados acima, que nos levaram a crer que a morte é o fim definitivo a qualquer ser vivo, o presente artigo visa demonstrar como se dá a continuidade da vida mesmo após o corpo tornar-se inanimado. Para tal, veremos algumas nuances, envolvendo a degradação corporal e a reprodução, as quais nos possibilitarão contestar a concepção vigente e embasar a de que ela não representa necessariamente o término, mas que vem a ser uma fase necessária à continuidade, ou seja, apenas uma mudança de estados, assim como profere Epíteto, filósofo grego.

As folhas caem, o figo seco substitui o figo fresco; a uva seca, o cacho maduro; eis, para ti, palavras de mau agouro! De fato, aí só existe transformação de estados anteriores em outros; não existe destruição, mas um arranjo e uma disposição bem regulados. A emigração não é senão uma pequena mudança. A morte é uma mudança maior, mas não vai do ser atual ao não ser e, sim, ao não ser do ser atual. -Então, não serei mais? -Tu não serás mais o que és, mas outra coisa da qual o mundo precisará" (FERRY, 2012 apud Epíteto).

1 INCONVENIENTIA MORTIS

Em 1859, Charles Darwin publicou a teoria da evolução das espécies, a qual causou alvoroço nos meios religiosos e acadêmicos. Nela, é perceptível uma constante adaptativa, na qual as características dos indivíduos são passadas adiante para suas proles e, comumente, acrescidas de modificações. Desse processo, cabe à seleção natural distinguir as alterações positivas das negativas.

Esse é seguramente um processo insensível, mas fundamental à sobrevivência das espécies, pois somente assim elas serão capazes de se perpetuarem e adquirirem características que lhes possibilitarão sobreviver melhor nos seus respectivos ambientes. Vide



o exemplo dos bicos dos tentilhões, explorado por Darwin, na defesa de sua tese, a qual explica como essas aves evoluíram seus rostos para diferentes formas, a fim de explorarem com mais eficiência os diversos recursos disponíveis, nas ilhas Galápagos, tais como frutas, insetos e sementes.

Dessa maneira, no darwinismo, podemos notar uma elevada capacidade de gerar modificações altamente complexas e significativas que possibilitaram às espécies o desenvolvimento de mecanismos de sobrevivência avançados, tais como a camuflagem, a liberação de fluidos químicos que desestimulam o ataque de predadores, a melhoria dos sentidos e de estratégias comportamentais positivas, como a construção de abrigos e de esconderijos.

Além disso, a evolução pode eliminar características adquiridas, como no caso das cobras. Segundo estudo dirigido por pesquisadores do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley, na Califórnia, elas perderam progressivamente suas patas ao longo do tempo.

Não obstante a morte, além de continuar presente, é assimilada, atuando como elemento indispensável ao equilíbrio e à conservação da vida, ao abrir espaço no meio aos novos indivíduos mais bem adaptados e ao gerir a quantidade de organismos possíveis em determinado ambiente.

Assim sendo, apesar da tendência do processo darwiniano de eliminar características prejudiciais ou irrelevantes aos seres, a degradação corporal, tida por nós como algo indesejado, não somente foi incorporada, como também aprimorada. Vide a apoptose, ou seja, a morte geneticamente programada das células, a qual, segundo Maniakas (2020):

é um processo fundamental de regulação biológica, que evidencia que cada célula possui um programa de vida e morte inscrito em seu patrimônio genético e demonstra que cada célula tem o poder de desencadear sua própria autodestruição (MANIAKAS, 2020).

Ela é um mecanismo extremamente relevante aos seres vivos, pois:

A apoptose possui um papel essencial, durante o processo de diferenciação, crescimento e desenvolvimento dos tecidos adultos normais e patológicos. É essencial no desenvolvimento embrionário, necessária à formação dos órgãos, à involução de tumores e persiste em alguns sistemas adultos, como a pele e o sistema imunológico (MANIAKAS, 2020).



Além disso, a existência de proteínas pro-apoptóticas, anti-apoptóticas e caspases são evidências do aprimoramento desse processo. Portanto a evolução, ainda que tenha sido capaz de criar criaturas gigantescas, como os dinossauros, complexas, com funções e células especializadas e racionais, como a nossa, não parece encarar o padecimento corporal como algo totalmente prejudicial. Ou seja, ao mesmo tempo, em que desenvolve características que possibilitam aos seres vivos sobreviverem melhor e por mais tempo, no ambiente em que estão, também, é responsável pela programação dos comandos de autodestruição das células.

Dessa maneira, podemos concluir que a degradação, não somente celular, mas também corporal, não é resultado da negligência evolutiva, mas de uma relação paradoxal, configurando-se em um cenário complexo, de tal sorte que a morte é utilizada pela vida para mitigar seu próprio fenecimento.

No entanto, também, é necessário salientar que a destruição do organismo é inevitável, uma vez que a vida é constituída de pequenas partes, como as células, as quais, por sua vez, são deveras vulneráveis a diversos fatores deletérios, tanto internos quanto externos, tais como patógenos, radicais livres, exposição a elementos químicos nocivos, mutações somáticas, proteínas aberrantes, defeitos mitocondriais, radiação, encurtamento dos telômeros, entre outros.

Outrossim, tendo em vista a indispensabilidade da perpetuação e da manutenção da integridade dos seres, foram desenvolvidos, ao longo do tempo, mecanismos de renovação, como a mitose e de eliminação controlada, como a delimitação do tempo de vida útil dos organismos e das suas partes constituintes.

Nesse sentido, o envelhecimento pode ser visto como uma dessas estratégias de controle temporal, pois os telômeros, elementos não codificantes e protetores do DNA, no decorrer do processo de multiplicação celular, têm o seu tamanho reduzido e, após atingir uma determinada quantidade de replicações, não é mais capaz de encurtar-se, sem danificar o material genético, assim, como única saída, as células param de se reproduzir, envelhecem e morrem.

Entretanto cabe ressaltar que existem outras teorias que buscam explicar o processo do envelhecimento, todavia é evidente que, no geral, salvo poucos casos conhecidos pela ciência, as células, em determinado momento pré-estipulado, começam a envelhecer, ou seja, degradam-se e eventualmente sucumbem.



Segundo Gerashchenko (2002), podemos postular que:

Postulado 1

Todos os organismos vivos amplificam progressivamente as mudanças do envelhecimento, cujo número inevitavelmente atinge um certo nível crítico, ou seja, fatal. Todos os organismos vivos, portanto poderiam ser biosistemas autoaniquiladores.

Postulado 2

A taxa de envelhecimento está sob o controle dos mecanismos de defesa e reparo celular.

Postulado 3

Como todos os organismos vivos atuais, incluindo os humanos, evoluíram no constante contato com o meio ambiente, a contribuição dos fatores ambientais, para o processo de envelhecimento (e também para o processo de desenvolvimento), é inevitável e indispensável (GERASHCHENKO, 2002).

Nessa mesma linha, também podemos observar inconsistências, ao contrapormos dois instintos básicos: a autopreservação e a reprodução, os quais, conforme a Encyclopaedia Britannica apud Freud, regem a vida.

A priori, não há dúvida de que o primeiro auxilia significativamente os seres a suportarem circunstâncias adversas extremas, a evitar determinadas situações e a agir de determinada maneira para se manterem vivos. Por exemplo, um ratinho é capaz de nadar por horas, até a exaustão, para não se afogar; já alguns animais andam em grupos para evitar ou mitigar o ataque de predadores; por outro lado, os anticorpos atacam corpos estranhos para preservar a saúde do hospedeiro e as crianças recém-nascidas choram por comida e por outras necessidades. Logo essa é uma natureza autocentrada, voltada para si mesma, dado que os organismos buscam constantemente artifícios, a fim de preservarem a própria integridade estrutural, ainda que isso resulte em danos ou prejuízos a outrem.

Não obstante o segundo não se configura como uma ferramenta que favoreça à subsistência do reprodutor, ao contrário, expõe-no a situações desfavoráveis e força-o a coletar mais recursos, para nutrir suas proles, como quando uma mãe, arriscando sua integridade física, entra em conflito corporal com os predadores, a fim de defender seus filhotes; ou quando a genitora sai em busca de mais alimentos, para nutrir seus descendentes; ou quando ocorre uma disputa por fêmeas entre machos de uma espécie.

Por isso, o instinto de autoconservação e aqueles que englobam a reprodução transparecem pragmaticamente como naturezas dissonantes, já que a segunda consiste em



uma forte pulsão por gerar e/ou zelar do “outro”, ainda que isso signifique agir de modo arriscado, não saudável ou prejudicial para si mesmo. Ademais, num sistema complementar e indissociável como esse, tal disposição é atípica, já que, como visto anteriormente, a seleção natural tende a eliminar ou substituir aspectos disformes.

Por outro lado, é seguro afirmar que não há antagonismo entre elas, mas um equilíbrio tênue sujeito a alterações, nos seus valores, a depender, por exemplo, da população, disponibilização de recursos, mudanças no ecossistema e do potencial de dominância (força, tamanho, inteligência entre outros), além dos próprios valores vigentes de reprodução e de sobrevivência.

Em consequência, as inconsistências observadas, nos processos reprodutivos e apoptóticos, inclusive aquelas relacionados ao envelhecimento, podem ser lidas como discrepâncias não solucionadas pelo processo evolutivo ou como indícios de uma estratégia capaz de se contrapor a inevitável degradação a que toda e qualquer estrutura viva está sujeita.

Desse modo, partindo do pressuposto de que a vida compreendeu a impossibilidade de manter uma criatura viva e saudável por tempo indeterminado, já que eventualmente alguma casualidade deletéria a obliteraria, obtém-se um resultado aparentemente paradoxal, no qual é possível matar um ser vivo, ao mesmo tempo em que o mantém vivo, em diversos lugares por tempo indeterminado. Ou seja, é factível solver as dissonâncias postas, ao inferirmos que o produto da renovação é uma extensão do indivíduo, o qual está contido nela. Logo permanece vivo, embora diferente, mesmo após o desfalecimento do seu corpo original. À vista disso, é indispensável compreendermos como a identidade pessoal viabilizaria essa nova perspectiva.

2 OS CAMPOS

A identidade pessoal é um dos problemas filosóficos mais antigos, complexos e significativos da humanidade, sobre ela diversos pensadores e filósofos se debruçaram à procura de uma solução definitiva. Contudo, na atualidade, ainda se encontra sem uma resposta clara e objetiva. Não obstante seus esforços renderam teorias e problemas mentais relevantes, entre eles, destaca-se o paradoxo do Navio de Teseu, descrito inicialmente na obra *Vidas Paralelas* pelo historiador grego Plutarco (46 d.C. – 120 d.C.), seguidor de Platão e, logo



depois, aprofundado por Thomas Hobbes, no século XVII. Esse experimento vem a ser um dos que melhor questiona a identidade pessoal e a relação entre a mudança e a continuidade.

Originalmente, ele consistia em um navio feito de madeira que partiu de um porto rumo a um porto B. Contudo, ao longo dessa viagem, suas peças se desgastaram e, por esse motivo, tornou-se imperativo substituí-las por novas, na mesma proporção, em que eram danificadas, de tal modo que, ao findar a jornada, todos os seus componentes haviam sido trocados. Nesse contexto, podemos afirmar que o navio que partiu e o que chegou são o mesmo? Caso contrário, em qual ponto ele deixou de ser o original? Na troca da primeira peça? Ao atingir 50,1% ou algum outro valor? Ao substituir a Quilha? Caso ele seja o mesmo, por qual motivo ele não deixou de ser após tantas transformações? Qual o critério determinante para indicar a continuidade ou o fim da identidade pessoal de algum objeto ou criatura?

Para solucioná-lo, é necessário, inicialmente, estabelecer critérios para discriminar o que constitui a identidade pessoal. Neste artigo, ela será um conjunto fluido, composto por partes materiais e imateriais conexas, tais como sentimentos, relacionamentos sociais, roupas, DNA, partes do corpo e memórias, que orbitam um centro abstrato. Cabe ressaltar que não há um “núcleo”, isto é, não existe um ou mais elementos que a determinam, mas um centro abstrato decorrente da relação entre as diversas partes interligadas que a compõem. A título de comparação, temos os centros de massa das estrelas binárias, os quais não são compostos por matéria, mas por centros de massa resultante das forças gravitacionais dos seus corpos. A essa força daremos o nome de campo de identidade.

Por conseguinte, ela independe da conservação de um componente específico, indivisível e imutável, pois, desde que o centro do campo prossiga ativo, é possível modificar, remover e crescer, não importando a quantidade, novos elementos ao sistema sem que ela seja perdida. No paradoxo plutarquiano, por exemplo, esse arranjo fica evidente, pois, embora fosse periodicamente modificado, seu baricentro, não o físico, mas o metafísico, foi preservado, o que possibilitou a sua continuidade.

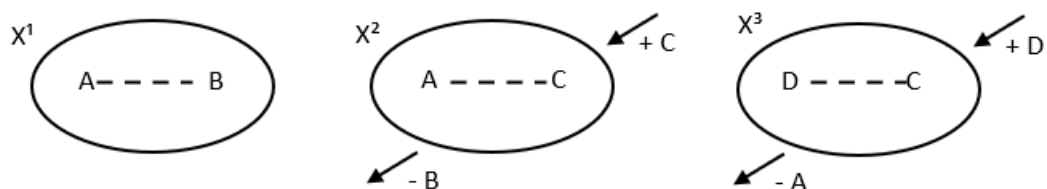
Desse modo, podemos inferir que as conexões metafísicas existentes entre os componentes de um conjunto são um dos cerne da identidade pessoal e que é por seu intermédio que a constante atualização dos campos é possível, bem como a sua preservação. Em consequência, os conjuntos, ao serem submetidos a reiteradas modificações

composicionais, têm os seus valores qualitativos modificados a cada etapa, mas preservadas as suas identidades pessoais em detrimento da ininterrupta atividade e da fluidez do sistema.

A fim de compreendermos de forma mais nítida como isso ocorre, consideremos um conjunto “X”, resultante da união de dois elementos distintos, “A” e “B”. Ao permutarmos um deles por outro, ocorre a interação deste com o remanescente, o que viabiliza a sua incorporação ao sistema, obtendo inclusive as mesmas propriedades dos originais. Portanto depreende-se que $A + C = X + Y$, sendo Y indicador da variação qualitativa sofrida pelo sistema. Dessa maneira, mesmo após a exclusão do elemento “B”, o campo “X” continua a existir.

É relevante destacar que essas propriedades não são qualitativas, mas funcionais, ou seja, C é um elemento determinante de X e está apto a estabelecer novas ligações inclusivas, que possibilitam a continuidade do campo. Isso fica evidente ao substituímos o último componente original por D, pois, ainda que todos eles sejam novos, o campo permanece sendo o mesmo em vista da fluidez proporcionada pelas ligações abstratas entre os termos constituintes do conjunto de identidade.

Vide as representações gráficas, a seguir e atente-se à estabilidade do campo, apesar das variações qualitativas de seus atributos.



Dessa forma, mesmo que a composição do conjunto X^3 esteja completamente distinta da original, a identidade “X” segue consistente, porque, a cada permuta, verifica-se a preservação de pelo menos um dos elementos do conjunto anterior. Por isso, conclui-se que as forças de ligação entre os termos de um sistema são responsáveis pela perpetuação, renovação e estabilidade da identidade pessoal e que os componentes integrados promovem a continuidade do campo de identidade. Isso ocorre, pois trata-se de um sistema trinário, formado por dois componentes voláteis e por uma ligação abstrata, tão relevante quanto os anteriores.



Nessa mesma linha, Galvão (2013) afirma que, durante o processo de envelhecimento humano, os diferentes componentes da identidade pessoal são gradualmente modificados desde a tenra infância. No entanto seria contraintuitivo inferir que se trata de indivíduos distintos, em cada fase de suas vidas (infância, adolescência, fase adulta e velhice), pois, embora existam diferenças qualitativas físicas, mentais, sociais e psicológicas, são numericamente os mesmos e o seu campo de identidade segue sendo atualizado a cada instante.

As pessoas humanas mudam constantemente. Será literalmente correcto, então, falar de identidade pessoal ao longo do tempo? Sendo tantas as diferenças entre, por exemplo, Locke aos 15 anos e Locke aos 60 anos, como poderemos dizer que são a mesma pessoa? Num sentido de ‘mesma’, aquele que corresponde ao conceito de identidade qualitativa, Locke aos 60 anos não é a mesma pessoa que era aos 15 anos, dado que o sexagenário tem qualidades muito diferentes das do adolescente. Contudo, apesar de qualitativamente diferentes, o sexagenário e o adolescente são numericamente idênticos. As expressões ‘Locke aos 15 anos’ e ‘Locke aos 60 anos’ referem-se a uma pessoa, não a duas. Para aclarar entre os dois tipos de identidade: vários exemplares de Um Ensaio sobre o Entendimento Humano podem ser qualitativamente idênticos, mas são numericamente distintos. (GALVÃO, 2013)

Por outro lado, a falta de renovação dos neurônios é empregada recorrentemente como contra-argumento, uma vez que atestaria a existência de uma área imutável e indivisível da identidade. Todavia mudanças neurológicas e psicológicas não obliteram um campo, visto que esse se dá pela interação entre seus componentes e não pela sua composição. Nesse sentido, ao inserirmos um grupo de elementos em um conjunto qualquer, eles se ligarão aos demais, integrar-se-ão e, conseqüentemente, passarão, também, a sê-lo. Por exemplo, suponhamos que um novo tratamento possibilite a renovação neurológica semelhante à das demais células, ou seja, as células neurais seriam substituídas por novas “em branco”. Nesse caso, o campo de identidade correspondente ao cérebro seria e não seria concomitantemente o mesmo, já que se constataria a inalteração das demais partes, mudanças qualitativas graduais e estáveis, mas também a ausência de antigas memórias, alterações comportamentais, entre outros.

Similarmente, os portadores do mal de Alzheimer perdem progressiva e severamente tecidos cerebrais, ainda assim, a identidade dos seus campos mantém-se preservada, já que, conforme observado anteriormente, ela não é frágil, mas fluida, o que lhe possibilita sofrer modificações, adições e exclusões, inclusive de aspectos psicológicos, tais como memórias,



personalidades e sentimentos, sem que haja prejuízo à sua manutenção, desde que a relação entre seus termos, materiais e imateriais, permaneça ativa. Por esse motivo, apesar das mudanças qualitativas sofridas, são reconhecidos como pais, mães, avós, avôs, irmãos e irmãs. Portanto atrelar a identidade pessoal a aspectos psicológicos é uma ação deficitária, visto que isso resultaria na criação de critérios distintos para o reconhecimento da identidade pessoal de seres e objetos, visto que essa deve ser uma teoria unificada. Ademais, esses aspectos possuem, em essência, as mesmas propriedades dos materiais por serem, em última instância, compostos químicos arranjados.

Determiná-la é uma tarefa intrinsecamente subjetiva, pois dependerá do referencial adotado pelo observador, bem como das informações de que dispõe a respeito da pessoa, ser ou objeto em questão. Assim, os campos são mais ou menos perceptíveis, a depender da massa de informação que o objeto ou ser possui, pois quanto maior for essa concentração, mais discernível será. A título de comparação, a identidade pessoal de um lago não é perdida, mesmo após sua drenagem ou modificações estruturais, já que os seus componentes a preservam. No entanto, ao ser preenchido com terra, não somos mais capazes de identificá-la facilmente, pois seu campo foi sobreposto por outro. Por conseguinte, ele continua a existir noutro, embora imperceptível.

É importante ressaltar que a sobreposição ocorre, ao modificarmos, acrescentarmos ou retirarmos componentes de um conjunto, visto que provoca o obscurecimento do valor do primeiro campo, conforme pode ser observado abaixo.

$$A + B = X$$

$$A + C = X + Y$$

$$C + D = X + Y + Z$$

...

Dessa maneira, o campo X, embora presente, torna-se cada vez menos perceptível, à medida que mais mudanças são realizadas, pois não *conseguimos apreciar ou identificar todo o processo de desenvolvimento do campo*. Sendo assim, durante a simplificação, muitos dados são perdidos e omitidos, vide.

$$A + B = X$$

$$A + C = X + Y \rightarrow \alpha$$

$$C + D = X + Y + Z \rightarrow \beta$$



Nesse contexto, a identidade pessoal não sucumbe prontamente, mas dilui-se de tal modo que, para nós, torna-se quase imperceptível. Por exemplo, embora a explosão de uma supernova aponte a sua extinção, ela encontra-se imperceptível, ocupando espaço neste vasto universo.

Logo é possível postular que a identidade pessoal

1 – É o conjunto das partes que compõem um todo;

2 – Persistirá desde que o campo de identidade, ou seja, as ligações entre os elementos do conjunto permaneçam ativas.

3 – Não é estática, mas fluida, sendo possível, sem prejuízo, adicionar, excluir ou transformar seus componentes.

Na obra *De corpore* (1655), Thomas Hobbes aprofunda essa discussão, ao inserir um segundo navio no experimento mental plutarquiano aqui tratado. Nesse novo quadro, ele sugere utilizar as peças sobressalentes para remontá-lo precisamente. Desse modo, no porto B, haveria dois navios diversamente estruturados, um com peças cambiadas e outro com as descartadas.

Não obstante, ao considerarmos os pressupostos debatidos anteriormente, podemos asseverar que a identidade do navio modificado se manteve estável, ao longo do tempo, logo permanece sendo o mesmo, embora também não o seja, em detrimento das severas mudanças qualitativas. Assim sendo, resta-nos concluir se o segundo navio, montado com as antigas peças, possui ou não a mesma identidade.

A priori, a fluidez dos campos possibilita, como visto anteriormente, a perpetuação da identidade pessoal mesmo em conjunturas complexas e extremas. Nesse sentido, independentemente do tempo e do espaço transcorridos, a separação das partes de um determinado campo não necessariamente resulta na sua obliteração. Para melhor ilustrar, façamos uma analogia entre o navio de Teseu de Thommas Hobbes e um quebra-cabeças. É notório que, montado ou não, ele preserva sua identidade, uma vez que, ao ser desconstruído, ainda mantém ativa, embora fraca, a ligação entre seus componentes. Isso fica ainda mais evidente, ao ser remontado reiteradas vezes, pois, mesmo em tempo e local indefinidos, ainda será reconhecido como o mesmo objeto.

Desse modo, seria uma afirmação equivocada aferir que o navio remontado não é o original, uma vez que seu campo de identidade, assim como o do quebra-cabeças, reativou-



se. Logo, o paradoxo evidencia a possibilidade de dois campos independentes partilharem simultaneamente de uma mesma identidade pessoal.

Não obstante a rejeição dessa possibilidade decorre dos precários critérios empregados, no mundo moderno, na resolução dos desafios concernentes à identidade pessoal, visto que se baseiam, sobretudo, na separação física e na observação de mudanças composicionais e estruturais ao longo do tempo. Embora sejam úteis no cotidiano como resposta a pequenos conflitos identitários, são insuficientes ante conjunturas complexas, como a do experimento mental plutarquiano, porque ignoram os elementos conjuntivos materiais e imateriais dos campos, os quais são essenciais à compreensão dessa dualidade existencial. A essa nova propriedade daremos o nome de fluxo.

Ainda que os campos de identidade possuam delimitações composicionais e físicas, eles podem ser transpostos pelo fluxo, uma vez que ele desempenha um papel fundamental à interconexão entre dois ou mais campos fisicamente separados, ao emitir, receber e processar componentes materiais e imateriais, culminando na transposição da barreira do campo, a qual é volátil, visto que se pode retrair e expandir, e relativa, porque suas delimitações dependem dos referenciais e critérios adotados. Por exemplo, na cidade de Manaus, as águas dos rios São Solimões e o Negro se conectam. Todavia os parâmetros químicos, vetoriais e térmicos heterogêneos geram um fenômeno natural conhecido como encontro das águas, no qual uma demarcação se estabelece separando as águas turvas das escuras. Desse modo, embora note-se nitidamente os limites de cada rio, constata-se também uma intensa troca de componentes, o que resulta na união de suas identidades pessoais, ou seja, eles possuem identidades próprias, independentes, embora, simultaneamente, também sejam o mesmo objeto, o rio Amazonas.

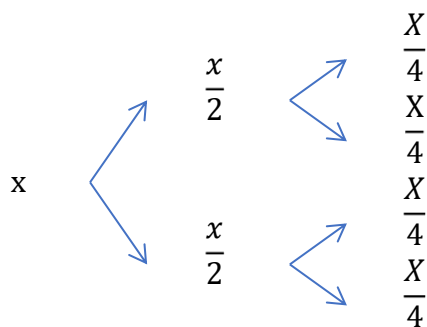
Cabe ressaltar que todo o campo de identidade possui delimitações, uma vez que são compostos por elementos físicos em um determinado ponto no tempo e espaço. Por outro lado, muitas vezes, esses limites se tornam difusos, especialmente quando ocorre uma transição intensa de componentes entre os campos, como observado nos casos citados.

Portanto o fluxo desempenha um papel fundamental na interconexão entre dois ou mais campos fisicamente separados, ao emitir, receber e processar componentes materiais e imateriais, podendo transpor a barreira espacial. No entanto cabe ressaltar que, no cotidiano,

os métodos tradicionais são passíveis de uso, uma vez que a identificação do rastro deixado pelo fluxo é demasiadamente complexa e inaparente.

A partir disso, é imperativo desconstruir a equivalência entre o uno e a identidade pessoal, pois, embora sejam comumente tratados como sinônimos, nessa conjuntura, tal aplicação é falha, uma vez que os campos não são existências rígidas e isoladas, mas, sim, dinâmicas, sujeitas a alterações qualitativas, ao estabelecimento de novas ligações e à expansão numérica, a qual pode ocorrer mediante divisão ou paridade.

No primeiro caso, o campo de identidade é dividido em campos menores, os quais podem agregar ou não novos elementos ao conjunto, conservando a identidade primária. Vide a fissão nuclear do urânio-235. Nesse processo, o núcleo do átomo é dividido em dois ou mais núcleos diminutos sucessivamente. Vide o organograma a seguir:



Conforme ilustrado acima, o campo de identidade do átomo é reiteradamente reduzido, contudo não finda, pois corresponde a uma mudança qualitativa estável, ou seja, ao ser dividido, o campo, em vez de ser destruído, expande-se e dilui-se pelo espaço. Por isso, não é razoável atribuir a identidade original especificamente a uma das partes, tampouco afirmar que ela inexistente, embora identificá-la seja mais desafiador à medida que ela se distancia dos parâmetros primários.

No âmbito biológico, esse recurso mostra-se vital, uma vez que os processos reprodutivos imperativamente o empregam. Entre eles, destaca-se a regeneração celular das planárias, as quais podem ter seus corpos restaurados completamente, ainda que tenham sofrido severos danos estruturais, como uma secção transversal. Dessa ruptura surgem dois campos qualitativamente idênticos e independentes, contudo, com base nos pressupostos já tratados, partilham da mesma identidade pessoal. Além disso, seria notoriamente inadequado afirmarmos o oposto, pois, para isso, seria necessário asseverar a autenticidade exclusiva de



uma delas ou que a primeira criatura sucumbiu. Ademais, cabe lembrar que a perda de elementos de um conjunto e a incorporação de novos não a esvai.

A reprodução sexuada, por outro lado, retrata um caso mais complexo, porque uma parcela significativa, embora mínima, é exportada para fora do campo, a fim de ser desenvolvida por meio da incorporação de novos elementos ao sistema. Todavia, nesse quadro, compreender como ocorre a partilha da identidade pessoal exige maior empenho, visto que, em contraste às planárias, constata-se a manutenção da integridade do campo primário e que, comparativamente, a quantidade de material genético expedido é ínfima, pois, nesse tipo de reprodução, nem todas as informações dos seres são transmitidas adiante por serem filtradas e compiladas em pequenos segmentos genéticos, o DNA. Apesar disso, é significativo ressaltar que o segundo campo compartilha elementos do sistema original e mantém uma forte ligação para com esse, por meio dos componentes em comum, logo contém a identidade pessoal do primeiro.

Não obstante, em virtude da complexidade desse e de outros processos igualmente complexos, a reprodução por paridade faz-se necessária, para complementar a preservação e o desenvolvimento da identidade pessoal, uma vez que, por vezes, a expansão numérica por divisão é insuficiente, para suprir todo o desenvolvimento dos campos, sobretudo, de alguns seres vivos que possuem componentes metafísicos significativos atrelados a sua identidade, como pensamentos, comportamentos, preferências, entre outros.

Nesse caso, a expansão numérica por paridade ocorre, quando um campo de identidade é gerado, a partir do fluxo imaterial doutro, como uma imagem projetada ou campo espelhado. Todavia, nesse caso, a partilha dos componentes e o contato direto com o original são facultativos, visto que o fluxo de elementos imateriais estabelece um vínculo relativamente intenso entre eles. Por exemplo, para criar agulhas, um artesão faz uso de moldes, os quais são a ligação indireta entre o objeto original e as réplicas. Desse modo, ao expormos um campo a outro, pode ocorrer uma interação, semelhante a uma ressonância, que viabiliza o compartilhamento da identidade, ou seja, podemos inferir que esse é um fenômeno de sobreposição que ocorre, quando um campo, ao receber “energia”, tem sua identidade modificada. Logo a identidade do primeiro campo é partilhada com as subsequentes, embora não disponham de nenhum componente original ou possuam diferenças qualitativas.



Adicionalmente, são abundantes os exemplos de reprodução por paridade, em nosso cotidiano, incluindo, mas não se limitando a backups, imagens compartilhadas em redes sociais, músicas distribuídas online ou em mídias físicas, entre outros. Outrossim, vale ressaltar que os campos abstratos possuem a capacidade de projetar suas identidades em campos físicos, ou seja, para que essa expansão ocorra, não se faz necessário que o fluxo parta de um campo concreto, como quando a imagem mental de um edifício é transformada em uma planta ou edificação.

Nessa mesma linha, a linguagem, nas suas mais variadas formas, é capaz de alocar parte da identidade pessoal de um ente noutro, por meio da transferência de componentes imateriais entre sujeitos, o que possibilita modificar e assimilar ações, pensamentos e valores de seus semelhantes. Além disso, é relevante destacar que, embora abstrata, seu domínio proporciona uma conexão tão intensa quanto a material, pois afeta significativamente a identidade pessoal de um campo por meio da emissão, recepção e processamentos desses componentes metafísicos. Por exemplo, ao migrar para uma nova região, um indivíduo passa a adotar subconscientemente o dialeto e a cultura locais. Outrossim, casais adquirem características psicológicas, mentais, espirituais e emocionais de seus cônjuges.

Desse modo, ao emitir partes da identidade pessoal de um campo para outros, a possibilidade de sua perpetuação, ao longo do tempo, aumenta significativamente. Vale destacar que essa probabilidade está atrelada à força do campo, pois, assim como nos processos reprodutivos ocorre uma seleção natural, no contexto metafísico, há o refino dessas informações. Isso se deve à incapacidade de armazenar e processar quantidades massivas de dados. Por esse motivo, as partes que obtêm maior destaque possuem maior longevidade, tais como valores propostos por lideranças religiosas, descobertas científicas, obras artísticas, entre outros. Além disso, diversos componentes da nossa própria identidade são relativamente inexpressivos, ou seja, não agregariam valor ou utilidade, portanto não se configuram como elementos prioritários, durante esse processo, como memórias, traumas, sentimentos acerca de alguém.

Em suma, não se deve atrelar a identidade pessoal à identidade numérica, pois as conexões físicas não são o único método de conexão existente entre os campos. Por exemplo, quando uma folha de papel é dividida, em determinado momento, a ligação entre as partes é exercida fisicamente por um pequeno filamento. Até esse ponto, parece razoável afirmar que



as partes compõem uma única folha, pois a ligação entre elas, embora frágil, é suficientemente forte para mantê-las unidas. Não obstante a eliminação desse delicado filamento aparenta ser uma ruptura completa, ambas possuem agora identidades próprias, ou seja, passam a ser existências numericamente independentes. Todavia, embora sejam objetos estáticos, há ligações composicionais, históricas e estruturais, por exemplo, que as unem. Cabe ressaltar que, embora elas sejam fracas, têm força para tal. Além disso, a identidade numérica se mostra igualmente volátil, como quando reaproximarmos as partes e reduzirmos assim a quantidade de identidades numéricas existentes. Desse modo, contar numericamente identidades não é preciso do ponto de vista lógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos um paralelo, a partir do exposto, podemos inferir que é possível sobreviver, após o fenecimento corporal, por meio da preservação da identidade pessoal, uma vez que ela pode resistir a diversas mudanças composicionais. Isso é possível pela capacidade de agregar, excluir e modificar componentes e pela expansão numérica por divisão ou paridade.

Subsequentemente, os conflitos existentes entre os processos reprodutivos e de autopreservação, bem como os apoptóticos e de renovação celular, também seriam sanados, uma vez que o ser estaria garantindo a sua sobrevivência, ao gerar uma prole e auxiliando na manutenção de sua integridade e dos demais, autodestraindo-se.

Por fim, cabe salientar que não somos existências singulares em um universo vazio e imutável. Interagimos constantemente com nossos semelhantes e moldamos o mundo, ao nosso redor, a partir das nossas experiências individuais e coletivas. Desse modo, não seria surpreendente se a identidade pessoal se expandisse para além do indivíduo e garantisse a sua preservação, como defendem, semelhantemente, os pesquisadores Clark e Chalmers na teoria da mente estendida.



REFERÊNCIAS

- MANIAKAS, G. F. Metchnikoff e o instinto de morte. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 264–273, 2020. DOI: 10.5902/2179378647488. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/47488>. Acesso em: 22 out. 2023.
- FERRY, Luc. **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/1/Luc_Ferry_Aprender_a_viver.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.
- GERASHCHENKO, B. I. Philosophy of aging. **Medical Hypotheses**, v. 58, n. 2, p. 157–158, fev. 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0306987701915002>. Acesso em: 22 out. 2023.
- SCOGGIN, C. H. The Cellular Basis of Aging. **Western Journal of Medicine**, v. 135, n. 6, p. 521–525, 1 dez. 1981. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1273329/pdf/westjmed00220-0098.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BEER, C. **instinct | Definition & Facts | Britannica**, 2020. (Nota técnica). Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/instinct>. Acesso em: 22 out. 2023.
- Sigmund Freud - Psychoanalysis, Psychology, Theory | Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sigmund-Freud/Toward-a-general-theory#ref386126>. Acesso em: 22 out. 2023.
- GALVÃO, P. Identidade Pessoal. **Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa eBooks**, 1 jan. 2013. Disponível em: <https://compendioemlinha.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/01/identidade-pessoal.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 24 Petropolis: Editora Vozes, 2015, 141 p.

Recebido: 27/10/2023

Aprovado: 21/06/2024